

A LITERATURA ENTRE TEORIAS, METODOLOGIAS, INSTRUMENTOS DE PESQUISA, DADOS E ESQUEMA DE ANÁLISE

THE LITERATURE BETWEEN THEORIES, METHODOLOGIES, RESEARCH INSTRUMENTS, DATA AND ANALYSIS SCHEME

Renata Rocha Cardoso 1

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio 2

Resumo: O presente trabalho discorre sobre teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquema de análise dentro da Literatura, para tanto, os pressupostos teóricos utilizados foram González Rey (2005), González Rey e Mitjans Martínez (2017), Mitjans Martínez, Tacca e Puentes (2020). À vista disso, é necessário compreender a Literatura como um exemplo de reflexão que recorre aos grandes clássicos para formar cidadãos(ãs) independentes e críticos(as), dado que ela reproduz sentimentos, experiências e ações, possibilitando o(a) leitor(a) chegar a lugares inexplorados, na vida real, como adentrar nos pensamentos dos(as) personagens e instigá-los(as) a questionar seus hábitos e princípios. Por conseguinte, a Subjetividade pode se apresentar sincronicamente como categoria de análise de obras literárias e como parte significativa da intencionalidade pedagógica nas aulas de Literatura, ou seja, as dificuldades de abordadas neste texto não são de natureza de decodificação, mas sim de diálogo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Leitura. Literatura. Subjetividade.

Abstract: The present work discusses theories, methodologies, research instruments, data, and analysis schemes within the Literature, therefore, the theoretical assumptions used were González Rey (2005), González Rey and Mitjans Martínez (2017), Mitjans Martínez, Tacca and Puentes (2020). Given this, it is necessary to understand Literature as an example of reflection that resorts to the great classics to form independent and critical citizens, given that it reproduces feelings, experiences, and actions, enabling the reader to reach unexplored places in real life, such as getting into the thoughts of the characters and instigating them to question their habits and principles. Therefore, Subjectivity can present itself synchronically as a category of analysis of literary works and as a significant part of the pedagogical intentionality in Literature classes, that is, the difficulties addressed in this text are not of a decoding nature, but of a dialogue nature.

Keywords: Youth and Adult Education (EJA). Reading. Literature. Subjectivity.

-
- 1 Mestra em Estudos Literários (PPGL - UFT). Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura de Expressão Portuguesa: Portugal, Brasil e África (FAG). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e Respectivas Literaturas (FAG). Professora da Educação Básica (Seduc - TO). Atualmente é técnica pedagógica de currículo, formação e avaliação da aprendizagem na Superintendência Regional de Educação de Pedro Afonso. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1226933026145055>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0471-3150>. E-mail: rechoa798@gmail.com
 - 2 Pós-doutorado em Educação (UNICAMP). Pós-doutorado (Intencionalidade e Afetividade - A paisagem corporal-pessoal nos processos de construção de conhecimento no contexto de experiências corporais-estéticas). Doutor (As artes cênicas e o construtivismo semiótico-cultural em psicologia - diálogos a partir da experiência corporal-estética em Composição Poética Cênica). Mestre (Dramaturgias Consensuais - a interação verbal no ato criativo) em Psicologia (USP). Bacharel em Artes Cênicas (UNICAMP). Licenciado em Teatro (Mozarteum). Professor adjunto em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro (UFT). Professor permanente do Mestrado em Letras (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3311297887691146>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8952-1368>. E-mail: juliano.casimiro@mail.uft.edu.br

Introdução

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade (Freire, 1989, p. 57).

O presente artigo discorre sobre teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquema de análise dentro da Literatura, e para alcançarmos esse propósito exibiremos a Subjetividade Individual e a Subjetividade Social dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) mediante a leitura de textos/livros literários durante as aulas de Literatura e/ou em outras localidades. Da mesma maneira, a Subjetividade será apresentada como categoria de análise literária e como ancoragem para o ensino da Literatura na EJA, onde demonstraremos esquemas gráficos para leituras/análises dos vocabulários subjetivos em/de obras literárias que tenham a Subjetividade como categoria. Assim, a Subjetividade apresentada nessa pesquisa é a da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey.

Isto posto, observamos que Paulo Freire (1990) enfatiza a compreensão do texto, por meio de uma leitura crítica, leva o leitor a fazer a ligação entre o texto e o contexto. Nesse sentido, a Subjetividade é um fator característico da leitura de textos literários e Roland Barthes (2004) a caracteriza como uma reescrita feita pelo(a) leitor(a), contornando a linguagem utilizada pelo(a) autor(a) e transpondo sua memória e consciência, construindo e/ou reproduzindo sua opinião diante dos enunciados. Consequentemente, cada leitura é única e cada leitor(a) a interpreta a seu modo, havendo muitas interpretações possíveis de um mesmo texto/livro literário.

Entretanto, tal leitura (interpretação) nunca é apartada da cultura em que aquela leitura se torna possível, porque a autonomia da interpretação é de certo modo alcançada em um escopo sociocultural que garante o mínimo de compartilhamento entre as pessoas e os objetos culturais em determinado momento. Nesse trato entre personalidade e cultura, Zilberman (1990) sustenta que o(a) leitor(a) amplifica os limites do conhecimento, por meio da leitura de textos/livros literários, assimilando-o sob o exercício da imaginação e sobre a leitura de textos/livros literários, Cândido (1995, p. 243) descreve que “[...] é um direito, uma vez que pode assegurar o equilíbrio de toda uma sociedade”, já que estamos lidando, com a leitura literária de camadas de compartilhamento e negociação de sentido sobre as experiências das vidas humanas.

Dessa forma, a inserção da Literatura e Subjetividade na formação social de estudantes da EJA resgata a dimensão simbólica das ações humanas para além dos significados, possibilitando a organização de sentidos específicos das experiências humanas, pois considerável parte da dimensão simbólica contém, inclusive, aspectos extra obra, tais como: local de leitura, contexto da leitura, agentes da leitura, pares de leitura, leituras associadas, finalidade da leitura, etc. Todavia, essa articulação não centra a análise nas intenções de autores(as), nem a subjetividade leitora, isto porque ambas se coorganizam de modo intrínseco e codependentes com uma terceira camada de subjetividade a qual é a tensão subjetiva entre a subjetividade social da época da escrita com a subjetividade social da época da leitura, ou seja, a diáde de subjetividades individuais, pessoa autora (por meio dos dados sensíveis da obra e de suas personagens) e pessoa leitora (por meio da sua história de vida) que estão imbricadas de outra diáde, a de subjetividades sociais: da época da escrita e da época da leitura.

Não se trata, portanto, de se entender ou construir significados na leitura para a obra, mas sim de construir os sentidos que carregam em si para a pessoas leitora as múltiplas dimensões de subjetividades presentes no ato de ler. “Nessa perspectiva, defende-se a especificidade do discurso literário como ponto de partida para o trabalho com a literatura, cujo principal caráter definidor se fundaria não no tema, mas na forma expressa pela linguagem para gerar significados” (Silva; Souza, 2012, p. 42). Com esse propósito utilizamo-nos da cartografia para haver uma melhor compreensão dos dados construídos nesta pesquisa, visto que “[...] cartografar é acompanhar processos [...]” (Passos, Kastrup, Escóssia, 2020, p. 73), ou seja, “a cartografia parte do reconhecimento de que, o

tempo todo, estamos em processos, em obra” (Passos, Kastrup, Escóssia, 2020, p. 73).

A Subjetividade como categoria de análise de obras literárias

Para entender como a Subjetividade se tornou nossa categoria de análise de obras literárias, precisamos entender que ela, aqui, está pautada na pesquisa qualitativa, esclarecida por González Rey (2017, p. 90) “[...] como uma linha de pesquisa, pois seu objetivo é a criação de modelos teóricos sobre a realidade estudada”. Nesse viés, o autor optou por estabelecê-la como uma perspectiva epistemológica, titulando-a por Epistemologia Qualitativa, uma vez que, ela “*defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta” (2017, p. 5, grifo do autor). Haja visto que a Subjetividade é uma característica própria do ser humano dentro da cultura e quando acionada expõe instâncias individuais e sociais como intermediárias, as quais possuem índoles dinâmicas, generativas e atuantes.

Em seguimento, González Rey e Mitjáns Martínez (2020, p. 159) asseveram que: “A subjetividade, portanto, não equivale ao psicológico, pois trata da qualidade simbólico-emocional dos complexos processos e fenômenos humanos, simultaneamente sociais e individuais produzidos no âmbito da cultura e da vida social”. A Subjetividade não é explícita, nem estática, por essa razão, não pode ser facilmente apreendida, ela “se expressa inconscientemente na maneira pela qual sentimos a nossa experiência, não nas explicações atribuídas às causas do nosso emocional” (Goulart, 2020, p. 234). Por conseguinte, González Rey (2019b) sustenta que a Subjetividade não se apresenta claramente na fala, mas durante o diálogo, momento em que o(a) pesquisador(a) pode produzir hipóteses sobre aspectos da vida do(a) estudante/participante e conseqüentemente elaborar ações que o(a) levem a refletir sobre particularidades da sua vida. Assim:

A definição de subjetividade da qual partimos avançou estreitamente relacionada com a definição da Epistemologia Qualitativa e representa uma nova definição ontológica dos processos e fenômenos humanos que fazem possível a existência cultural do homem, que se formam e se desenvolvem na cultura, sendo responsáveis também pelas mudanças cada vez mais aceleradas da própria cultura (González Rey, 2019, p. 33).

Destarte, por epistemologia qualitativa compreendemos que ela surgiu a partir da necessidade de amenizar os déficits da pesquisa qualitativa e de reconstruir a Subjetividade dentro da psicologia cultural-histórica. Logo, “nossa proposta da Epistemologia Qualitativa foi introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa [...]” (González Rey, 2017, p. 4).

Assim sendo, Epistemologia Qualitativa e Subjetividade são basicamente inseparáveis, pois juntas fazem com que a teoria possua uma natureza epistemologicamente clara e “como todos os recursos da ciência, a Epistemologia Qualitativa é uma ferramenta para estender o pensamento imaginativo, criativo, à significação de novos processos humanos” (González Rey, 2019, p. 41). E consoante com a Epistemologia Qualitativa é instrumento de análise da pesquisa qualitativa toda situação espontânea e genuína expressa pelos(as) participantes, em virtude, da subjetividade do(a) pesquisador(a) ser essencial para o êxito da pesquisa, visto que a Epistemologia Qualitativa desafia o(a) observador(a) à proporção que o(a) faz refletir sobre os procedimentos e particularidades fundamentais para o progresso subjetivo individual e social do(a) partícipe. Em outros termos, a subjetividade não se manifesta estritamente por meio de causas externas, não é baseada em dados e não termina quando a experiência acontece pela realidade concreta e imediata, ela também está presente nas situações vivenciadas pela pessoa e em partes de informações formadas durante o processo comunicativo, as quais Martínez e González Rey (2017, p. 87) denominam como sentidos subjetivos, ou seja:

O sentido subjetivo representa a experiência humana no

âmbito subjetivo, são as múltiplas e dinâmicas unidades de processos simbólicos e emocionais que fugazmente se sucedem no curso dessa experiência, processo esse em que se definem nossas percepções, ideias e estados afetivos dominantes. Os sentidos subjetivos são extremamente voláteis no decorrer de uma experiência.

Isso significa que o sentido subjetivo sempre será diferente, dado que, ele é a unidade simbólico-emocional que determina a junção do pensamento, emoção, imaginação e ação da pessoa. E o conjunto deles forma a configuração subjetiva que tem a função de organizá-los e definir a trajetória de uma experiência vivenciada, formando novos sentidos subjetivos, em outros termos:

As configurações subjetivas representam a organização dos próprios sentidos subjetivos, os quais, em seu fluir, terminam gerando formas qualitativamente diferentes de organização, que se erigem em unidades subjetivas mais complexas com capacidade geradora de novos sentidos subjetivos, representando a independência relativa das emoções, reflexões, e percepções do ser humano em relação ao ambiente externo imediato (Martínez; González Rey, 2017, p. 88).

À vista disso, as experiências e ações de estudantes da EJA estão relacionadas ao processo simbólico e emocional que estrutura a Subjetividade, a qual é formada por sentidos subjetivos que como unicidade surgem do processo simbólico-emocional presente em todas as ações humanas e é impossível analisá-los separadamente, pois um processo sempre invoca o outro, mas um não é incorporado ao outro. González Rey (2017, p. 63-64), aponta que “os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas [...]”, bem como, os(as) estudantes da EJA que retornam à escola trazendo consigo experiências vivenciadas e elaboradas em seu cotidiano, ou seja, um conjunto de sentidos subjetivos que constituem a sua configuração subjetiva. Todavia, cada ser humano é único em suas experiências, por essa razão, a configuração subjetiva não é a mesma para todos e por consequência:

O conceito de subjetividade, [...] rompe com as dicotomias estabelecidas no pensamento moderno, tais como indivíduo/sociedade, intelectual/emocional, interno/externo mediante um modelo teórico que assume a psique humana a partir de seu caráter gerador dentro da trama cultural na qual as pessoas e grupos participam (Souza; Torres, 2019, p. 34).

De modo consequente, a Teoria da Subjetividade, aqui explanada, é essencial na formação socioeducativa dos(as) estudantes da EJA, dado que, permite relacionar os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas das histórias de vida dos(as) discentes com os novos conhecimentos construídos ao retornarem à escola, onde eles(as) poderão reconhecer sua subjetividade individual e construir os modos de estar no mundo por meio da subjetividade social.

A Subjetividade Individual de estudantes da EJA mediante a leitura literária

A partir de suas experiências estudantes da EJA vão construindo suas histórias, configurando a dimensão pessoal de sua Subjetividade confrontada pelo âmbito social da mesma Subjetividade.

Por conseguinte, Rossato e Mitjáns Martínez (2013, p. 290), apontam que a Subjetividade Individual “se organiza em torno de elementos essenciais na sua compreensão e desenvolvimento: o sujeito e a personalidade que interagem numa relação em que um é momento constituinte do outro sem que seja diluído por ele”. Na constituição de si, cada estudante necessita evoluir de indivíduo (diferenciação) para sujeito (agente com tomada de consciência), isto é, precisa conseguir criar caminhos alternativos para resolver os obstáculos que surgem em seu cotidiano e que deformam a possibilidade de encaixe perfeito de si no mundo. Doravante, os(as) discentes da EJA retornam às unidades escolares na busca por expandirem suas habilidades para além da leitura e escrita apenas.

Portanto, na Teoria da Subjetividade com a qual estamos trabalhando, o indivíduo, como existência individual, não é sujeito sempre. O sujeito surge apenas quando suas emoções (da pessoa) se encontram com as ações do indivíduo, coordenadas intencionalmente, assim, o sujeito se manifesta por meio das experiências simbólico-emocionais, porque a partir delas, ele(a) desenvolve pensamentos singulares frente a situações inusitadas e se responsabiliza por suas escolhas, ou seja, não é somente a diferenciação que está envolvida no processo, mas também, e principalmente, a tomada de consciência em relação a ela.

Esse aspecto é crucial para a compreensão da nossa proposta crítica: a leitura literária na educação deve construir e ampliar aspectos individualizados de interpretação e análise de obras, sincronicamente deve incentivar e possibilitar o reconhecimento de que cada interpretação que difere entre si pode ser igualmente possível de coerência em relação à obra. Visto que, a tomada de consciência sobre seu caminho de interpretação e fruição desde suas configurações subjetivas, garante a dimensão individual da experiência com a leitura literária, ocasião em que a consciência de que há certa diversidade de interpretações possíveis, constitui uma das dimensões sociais da experiência. Assim, ao conhecer mais sobre si e sobre o mundo cada estudante é capaz de ir se transformando em estudante-leitor-sujeito, além disso, a própria obra é em si um outro que estabelece demandas e limites para a ação interpretante, de modo a confrontar as aproximações que a pessoa faz para com a leitura literária.

A Literatura tem a habilidade de humanizar as pessoas, despertando a sensibilidade e auxiliando na materialização de emoções e sentimentos difíceis de serem demonstrados, ela aperfeiçoa as convivências entre homem e sociedade, oferta novas oportunidades para que novas competências cognitivas surjam e possibilita uma análise do contexto mundial. Consequentemente, a leitura literária tem por finalidade expor ao(a) leitor(a) o valor do variável, dinâmico, ocasional e inédito, consegue transformá-lo(a), isto é, após a leitura de um texto/livro o(a) leitor(a) terá uma nova visão sobre determinados assuntos antes inquestionáveis, pois a Literatura mexe em sua receptividade frente ao mundo e ao outro, é um sistema vivo que transforma seus(suas) leitores(as).

A Subjetividade Social nas aulas de literatura da EJA

Parte dos(as) estudantes da EJA ao retornarem à escola já possuíam uma profissão, tem sua identidade social “formada”, visto que saíram de casa cedo e tiveram que aprender a lutar por sua sobrevivência, trabalham/trabalharam de sol a sol para garantir o sustento da família, muitos(as) tiveram que migrar para outras regiões do país em busca de melhores empregos. Porém, na maioria das vezes, para se aperfeiçoarem profissionalmente dentro das grandes empresas é necessário terem concluído ao menos o Ensino Fundamental, em função disso e na busca da oportunidade de conseguirem melhores cargos/funções em seus trabalhos, mesmo após anos afastados da unidade escolar, estudantes/trabalhadores(as) regressam cheios(as) de expectativas, trazendo consigo além de experiências e conhecimentos, receios, medos e insegurança. Características essas que os(as) intimidam, encobrindo o conhecimento de mundo que construíram em seu convívio familiar e social, tão essenciais para compreenderem e deleitarem-se com obras literárias acessadas durante as aulas de Literatura e que, de certo modo, compõem a dimensão social da sua Subjetividade. Logo, a Subjetividade Social está presente em todas as atividades coletivas vivenciadas por estudantes: na reunião da empresa, na sala de aula com colegas, no encontro com amigos, no jogo de futebol, no papo descontraído, nos intervalos das atividades etc. Todavia, a Subjetividade Social não é e não deve ser padronizada, tendo em vista que cada estudante possui experiências e conhecimentos sociais diversificados, além de significar e elaborar de modo diverso experiências comuns a mais

de uma pessoa.

Ao viver em comunidade, o(a) estudante organiza sua vida de diversas maneiras para poder coabitar em harmonia com as demais pessoas, compartilham seus aprendizados histórico-sócio-culturais e dessa junção nasce a dimensão social da Subjetividade. Nesse sentido, González Rey (2008, p. 235), sustenta que a subjetividade social é, “um sistema de sentidos subjetivos e configurações subjetivas que são instalados em sistemas de relações entre pessoas que compartilham um mesmo espaço social” e por possuírem um vasto conhecimento de mundo, estudantes da EJA se identificam com muitos dos textos/livros literários lidos na sala de aula, em especial os que retratam o interior do Brasil, pois muitos(as) cresceram na zona rural. Dessa forma, quando motivados por docentes de literatura, explanam informações enriquecedoras para diversas compreensões da obra, por outro lado, as experiências de colegas podem facilitar o acesso à obra para aqueles que não se identificam com ela na direção da experiência que compartilham por analogia com personagens.

Veja: posto que a aproximação/compartilhamento metafórico entre pessoa, leitura e personagem deve ser considerada por docentes para permitir acessos à obra literária e sua interpretação, professores(as) devem igualmente entender a importância das experiências discrepantes e divergentes com as da pessoa leitora para a ampliação das experiências de mundo. Importa a tomada de consciência de que contextos da obra oferecem acessos imediatos àquele grupo de pessoas leitoras e que outros contextos precisam ser negociados individual e coletivamente para possibilitarem emergir sentidos e significados que coadunam ou se contrapõem com as experiências da pessoa e do grupo. Há uma dimensão da negociação dos sentidos visto que o grupo precisa ser considerado nas interpretações e fruição das obras, como parte da Subjetividade Social. González Rey e Mitjáns Martínez (2017, p. 88) consideram que:

A subjetividade social não é externa à ação e aos processos imediatos de relação das pessoas, ela está configurada subjetivamente tanto nas configurações sociais dos cenários em que essa ação acontece, quanto nas configurações subjetivas individuais de participação nessa ação social.

Não se trata apenas de compartilhar informações, impressões e gostos, mas também de problematizar, desde as obras, as experiências da pessoa com o mundo de modo a possibilitar ampliação dos sentidos subjetivos e revisão da subjetividade social sempre que possível, para tornar a vida comunitária mais democrática e melhor para o grupo todo. Por conseguinte, “[...] não há apenas um letramento, mas letramentos múltiplos associados aos variados domínios da vida, bem como diversidade nos modos como os sujeitos tomam parte em eventos e situações nesses domínios [...]” (Souza, 2009, p. 40), isto é, a realidade vivenciada pelos(as) estudantes da EJA pode aproximá-los(as) das histórias narradas nos textos/livros literários, não só porque oferecem contextos junto aos quais eles(as) têm vivência, mas também por possibilitar desnaturalizar os conhecimentos adquiridos e/ou construídos ao longo da vida, enquanto permitem tomar consciência da diversidade de modos de existir e habitar o mundo, elemento fundamental para a leitura literária.

A Subjetividade como categoria de análise literária e como ancoragem para o ensino de literatura na EJA

A Literatura proporciona à pessoa leitora viagens entre a ficção e a realidade, o entrelugar que se constitui no mundo das letras. Nesse entrelugar emergem possibilidades de identificação emocional e social, rupturas afetivas com a ordem naturalizada das coisas, ampliação de sentidos e significados de si e para si no mundo, assim como questionamentos sobre o que deve ser feito para se tornar um(a) cidadão(ã) capaz de buscar melhorias humanitárias e éticas para a sociedade. Por esse lado, a Literatura é sempre interessada (intencional), a leitura também o é, ou seja, ao ler um texto/livro literário o(a) leitor(a) busca mais do que está explícito, salvos casos em que a leitura é uma obrigação (imposta) como meio de avaliação, por exemplo, de natureza pergunta e resposta, sendo a resposta uma pré-concepção do que se considera correto, de modo monológico, diretivo e autoritário.

Em razão disso, ao analisarmos textos/livros literários é necessário observarmos as camadas de sentidos mais profundas e muitas vezes camufladas nas ações e intenções das personagens, para além dos significados atribuídos a essas ações. Este movimento analítico requer que compreendamos os laços sociais e afetivos que as personagens e contextos da obra estabelecem entre si e entre o mundo que habita a pessoa leitora. O último configura como o mundo cotidiano, que envolve ele(a) próprio(a) na chamada realidade concreta e muito daquilo que comumente se entende por ficção, ou melhor, trata de analisarmos dimensões da subjetividade individual e social existente, as quais González Rey (2020) descreve como:

A subjetividade individual representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos. Nela aparece constituída a história única de cada um dos indivíduos, a qual dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais (González Rey, 2020, p. 309).

A subjetividade social emerge como parte das subjetividades individuais de tal maneira camuflada que é impossível inferi-la diretamente dos comportamentos observados ou da linguagem explícita (González Rey, 2020, p. 70).

Roland Barthes (2004) defende que a subjetividade é caracterizada como uma reescrita feita pelo(a) leitor(a), contornando a linguagem utilizada pelo(a) autor(a) e transpondo sua memória e consciência, reproduzindo sua opinião diante dos enunciados, transforma o que é universal em algo individual. Nos nossos termos, percorre a estrada de mão dupla entre a dimensão individual e a dimensão social da Subjetividade, como se verá adiante.

Logo, nossa defesa é a de que a Subjetividade como categoria de leitura/análise literária tem por objetivo incluir a dimensão simbólica na dotação de sentido das ações humanas em tais processos, como já explicitamos antes neste texto. Nessa acepção, Vygotsky, em *Pensamento e Linguagem* (1987, p. 275-276), aponta o sentido como:

[...] um agregado de todos os fatos psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua instabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas.

Já a dimensão simbólica pode ser entendida aqui como a “polivalência de sentidos da ação em relação a objetos e contextos, bem como às conotações culturais e pessoais interconectadas que levam a pessoa a planejar, executar e significar sua ação” (Sampaio; Gonçalves, 2017, p. 110). Fundamentado no conceito de Vygotsky, e articulado com a dimensão simbólica apresentada, González Rey (2011, p. 33) desenvolveu a noção de sentido subjetivo e a apresenta como sendo “a unidade inseparável do simbólico e do emocional, onde a emergência de um provoca a aparição do outro sem ser a sua causa”. Em outros termos, os sentidos subjetivos não devem ser considerados isoladamente, pois estão presentes de modo articulado em todas as ações dos seres humanos e são executores da conotação subjetiva dessas ações.

Isto posto, González Rey (2017, p. 22) aponta que:

A subjetividade legitima-se por ser uma produção de sentidos subjetivos que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade, quaisquer que sejam. O sentido subjetivo está na base da subversão de qualquer ordem que se queira impor ao sujeito ou à sociedade desde fora.

Por conseguinte, em consonância com o sentido subjetivo, as configurações subjetivas expõem as verdadeiras formações psicológicas, a Subjetividade humana, que González Rey (2011,

p. 34) apresenta como “formações psicológicas complexas caracterizadoras das formações estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos, elas representam a unidade do histórico e do atual na organização da subjetividade”. Diante disso, a Subjetividade está presente tanto no sujeito individual como no sujeito social, uma vez que, as pessoas convivem e dividem momentos e espaços por meio da configuração de uma sociedade concreta, conforme evidenciado a seguir:

A subjetividade social apresenta-se nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos etc. e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva. Cada uma das formas de expressão da subjetividade social expressa a síntese, em nível simbólico e de sentido subjetivo, do conjunto de aspectos objetivos, macro e micro, que se articulam no funcionamento social. Esses são os mesmos elementos que se articulam na formação subjetiva individual, com a diferença que os processos de sentido nesse nível estão constituídos, de maneira diferenciada, pelos aspectos singulares da história das pessoas concretas (González Rey, 2017, p. 24).

Portanto, a dimensão social da Subjetividade, como dissemos anteriormente, aparece na obra na medida em que os contextos apresentam as (re)ações das personagens na cultura que as envolvem, com maior ou menor enfoque sobre os contextos políticos, sociais e econômicos em que se inserem as personagens, as obras literárias tendem a nos permitir algum acesso às configurações subjetivas das personagens, já que nos abrem caminhos para refletir sobre conflitos, consonâncias, resistências etc., entre como agem, porque o fazem e como se espera (na obra) que agissem. Melhor dizendo, a proposta de escrita intenciona essa perspectiva mais centrada em um mergulho na complexidade Subjetiva, tanto de quem escreve, com suas personagens, como de quem lê, a partir das personagens.

Nesse seguimento, González Rey (2011, p. 35) sustenta que:

Toda experiência humana tem infinitas questões a serem percebidas, refletidas e memorizadas, porém só percebemos, refletimos e memorizamos aqueles aspectos que ganham sentido subjetivo dentro da configuração subjetiva que emerge no curso da experiência vivida que representa o momento vivo da personalidade na ação do sujeito. Essa configuração subjetiva da experiência vivida [...] é sempre a organização atual que o sistema subjetivo individual assume em seu desenvolvimento, ela é a personalidade no momento atual da ação.

A título de ilustração do que estamos expondo, as obras machadianas são repletas da consciência do autor sobre essa complexa dimensão da subjetividade entre escrita e leitura. O livro *Dom Casmurro* é um exemplo, e será utilizado aqui na nossa ilustração, pois nele o(a) autor(a) convida o(a) leitor(a) a se perceber como agente no processo de leitura. O narrador-personagem da obra incentiva à pessoa leitora a participar conscientemente da criação dos dados sensíveis que articulam os sentidos da leitura (inclusive no campo da significação). No entanto, para preenchê-los é necessário transcender o explícito, buscar os significados inerentes às informações fornecidas pelo(a) autor(a). Isso representa explorar a Subjetividade presente nos comportamentos das personagens do romance: Bentinho (metido consigo, invejoso, ciumento, possessivo, individualista, mimado), Capitu (observadora, comunicativa, destemida, ativa) e Escobar (esperto, atencioso, companheiro, ousado), além de olhar para o contexto social e cultural em que se desenvolvem suas (re)ações e comportamentos.

É importante ressaltar que o autor de *Dom Casmurro*, Joaquim Maria Machado de Assis, foi jornalista, teatrólogo, crítico de teatro, crítico literário e um dos maiores escritores da literatura

brasileira do século XIX; escreveu poesias, contos e romances. Segundo Alfredo Bosi (2003, p.11), “o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano” e Harold Bloom (2003, p. 457) define o escritor como uma “[...] espécie de milagre, mais uma demonstração da autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo o tipo de contextualização que supostamente produz a determinação dos talentos humanos”. Suas obras dividem-se em duas fases: a primeira traz características do Romantismo, uma narrativa linear, histórias cheias de mistérios, seus personagens têm comportamentos voltados para o interesse, ambição e não somente para o amor. Na segunda fase, o autor principia o Realismo no Brasil e revela a fragilidade existencial de seus personagens, seja consigo mesmo ou com os outros, adentrando na análise psicológica.

Seguindo as proposições de González Rey (2017), de que há Subjetividade quando o emocional e o simbólico compõem o sentido da experiência e as configurações subjetivas da vida humana, os quais são essenciais para a compreensão da dimensão subjetiva da existência de personagens, pessoas autoras e leitoras, e conseqüentemente atingir a habilidade EM13LP46 proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de “compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica” (Brasil, 2018, p. 525), propomos como metodologia a ser utilizada nas aulas de Literatura a confecção de um esquema gráfico para leitura/análise do vocabulário subjetivo em/de obras literárias tendo a Subjetividade como categoria.

Assumimos, desde González Rey (2012a, p. 62), que o vocábulo subjetivo configura-se como “as complexas integrações simbólico-emocionais que se organizam de forma simultânea no curso de uma experiência vivida e no sujeito dessa experiência”. Posto isso, o esquema de análise sugerido compreende dois (02) gráficos sobrepostos que organizam o mapa gráfico do vocabulário subjetivo da obra em relação às pessoas autoras (personagens), às pessoas leitoras e seus respectivos contextos de escrita/leitura. Com essa finalidade, tomemos como identificador da análise o exemplo da empatia e a personagem Bentinho, já trazida aqui por nós, sendo que a etapa 01 do mapa gráfico será composta pela: a) dimensão simbólica (sociocultural) sobre a empatia para a personagem (se há traços de que socialmente a empatia é almejada, esperada, incentivada [...], ou se ela assume sentido negativo, evitada, condenada etc.); b) dimensão emocional (pessoal) sobre a empatia para a personagem, quer dizer, se a personagem entende a empatia como positiva ou negativa nas ações que empreende e que sobre ela recaem. Reparemos que aqui podemos atingir pontos de convergência entre o simbólico e o emocional ou de divergência entre eles, não obstante, em um conjunto de ações e discursos sobre o tema, podemos identificar mais de um ponto de ancoragem no gráfico.

Já a etapa 02 segue a mesma lógica da etapa 01, mas se volta para a pessoa leitora, por isso, quanto mais extensa for à linha que surgir entre os pontos da etapa 01 e da etapa 02, maior complexidade de análise a obra apresenta para a pessoa leitora e em caso de mais de um ponto de ancoragem, o tamanho/área da figura que emergir da ligação dos pontos é que denota o grau de complexidade. No sentido inverso, quanto mais à sobreposição se aproximar de grafar apenas um ponto, menos complexa é a análise do tema em questão para aquela pessoa leitora em específico.

Uma terceira etapa pode ser sobreposta às outras duas, citadas acima, quando o interesse da análise incluir intenções, contextos e sociedade em que vive/viveu a pessoa autora, mas as dimensões de composição do gráfico seguem a mesma estrutura e, no caso de se tratar de ensino de Literatura, uma quarta etapa pode ser sobreposta, demarcando o posicionamento subjetivo do(a) docente no exercício do ensino.

Vejamos no caso de Bentinho como esse esquema se configura, assim sendo, a ilustração será feita de modo superficial, já que nossa intenção aqui não é apresentar qualquer análise de obra, senão apresentar o esquema para que outras pessoas possam empreender análises, haja visto, que ele não parece reconhecer necessidade de disposição empática em relação à dor alheia, quando ela possa sobrepujar a sua felicidade, como se observa no trecho a seguir, em que Bentinho tenta se esquivar do pequeno comerciante que vinha comunicar-lhe a morte de seu filho:

Custa me dizer isto, mas antes peque por excessivo que por diminutivo. Quis responder que não, que não ver o Manduca,

e fiz até um gesto para fugir. Não era medo; noutra ocasião pode até ser que entrasse com facilidade e curiosidade, mas agora ia tão contente! Ver um defunto ao voltar de uma namorada... Há cousas que não se ajustam nem combinam. A simples notícia era já uma turvação grande [...] (Assis, 2004, p. 79).

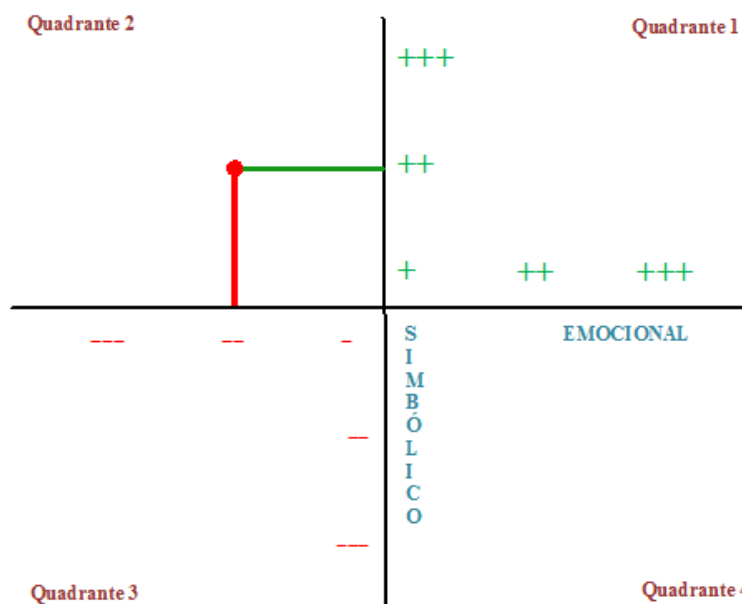
Por este motivo, mesmo corroborando da dor do comerciante, Bentinho não se solidariza com ela de fato, no entanto, reconhece alguma importância da relação empática para as interações humanas, assim como o faz em outras partes do livro, pede à pessoa leitora que tenha para com ele uma postura empática, que compreenda seus motivos e reconheça a coerência de sua relação com aquela dor, com aquela morte:

Não culpo ao homem; para ele, a coisa mais importante do momento era o filho. Mas também não me culpem a mim; para mim, a coisa mais importante era Capitu. O mal foi que os dous casos se conjugassem na mesma tarde, e que a morte de um viesse a meter o nariz na vida do outro [...] (Assis, 2004, p. 79).

Observa-se que a personagem reconhece que socialmente a empatia (tema), ainda que não seja uma condição indispensável para ordem social (+ + +), já que pode ser evitada aparentemente sem prejuízos irreversíveis, é esperada que esteja presente nas ações das pessoas de modo geral (+ +), e até requerida por ele (em diferentes passagens da obra) e não apenas em contextos muito pontuais (+). Entretanto, pessoalmente a empatia não é algo que deva conduzir, para a personagem, ainda que não deva estar de todo ausente de suas ações (- - -), suas escolhas de modo geral (- -), caso que o faria não se importar inclusive com a pessoa leitora, ou que deva aparecer apenas em uma outra ação (-).

Deste modo, o cruzamento dos dados nos leva a grafar o ponto no quadrante 02 do gráfico como se vê na figura 2, para tanto, utilizamos por base a estrutura do Plano Cartesiano (objeto matemático plano e formado por duas retas), sem números, apenas sinais de adição (+), subtração (-) e duas retas, sendo uma horizontal, denominada por nós como emocional, e outra vertical, intitulada de simbólico, divididas em quadrantes (quarta parte ou ângulo de 90º). Os pontos demarcados nos gráficos simbólico-emocionais serão utilizados para analisar a Subjetividade frente à obra explorada pelo(a) leitor(a):

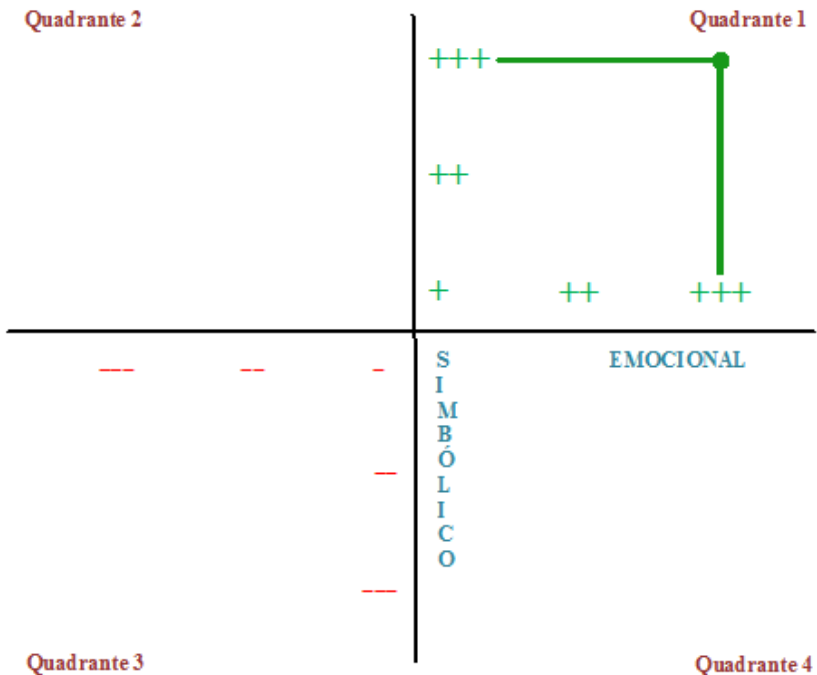
Figura 1. Etapa 01 da grafia visual sobre a empatia para a personagem Bentinho



Fonte: Sampaio e Cardoso (2022).

Imaginemos agora uma pessoa leitora hipotética (pessoa 1) que compreenda que a empatia deve estar em um conjunto maior de ações, ainda que não precise estar em todas e que isso é exatamente o que ela compreende que a sociedade contemporânea e no contexto em que vive espera dela. Neste caso, marcamos um ponto no quadrante 01 do gráfico, como mostra a figura 2.

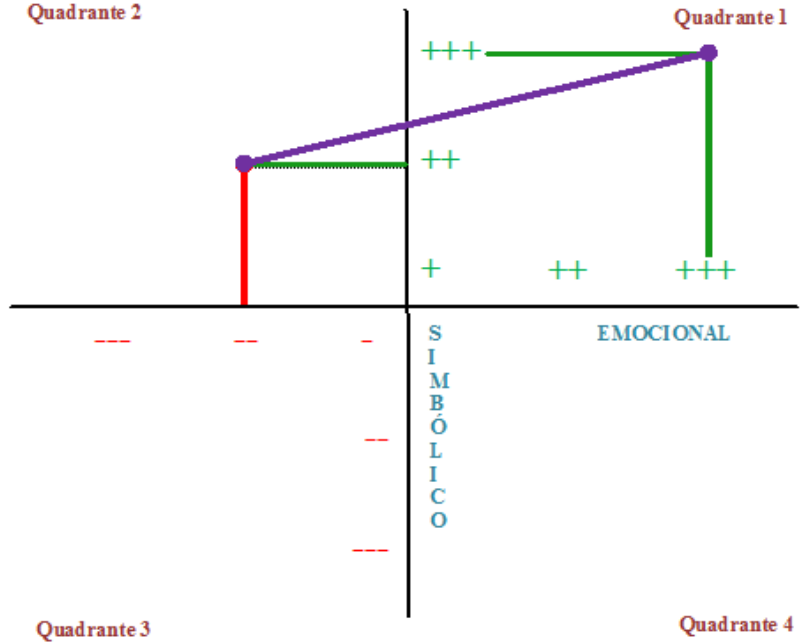
Figura 2. Etapa 02 da grafia visual sobre a empatia para uma pessoa leitora hipotética



Fonte: Sampaio e Cardoso (2022).

Quando sobrepomos o material produzido na etapa 01 e na etapa 02, podemos observar que existe um grau elevado de contraposição entre o modo de operação da subjetividade de Bentinho sobre a empatia e as configurações subjetivas do(a) leitor(a) hipotético(a) sobre o mesmo tema, como se observa na figura 3.

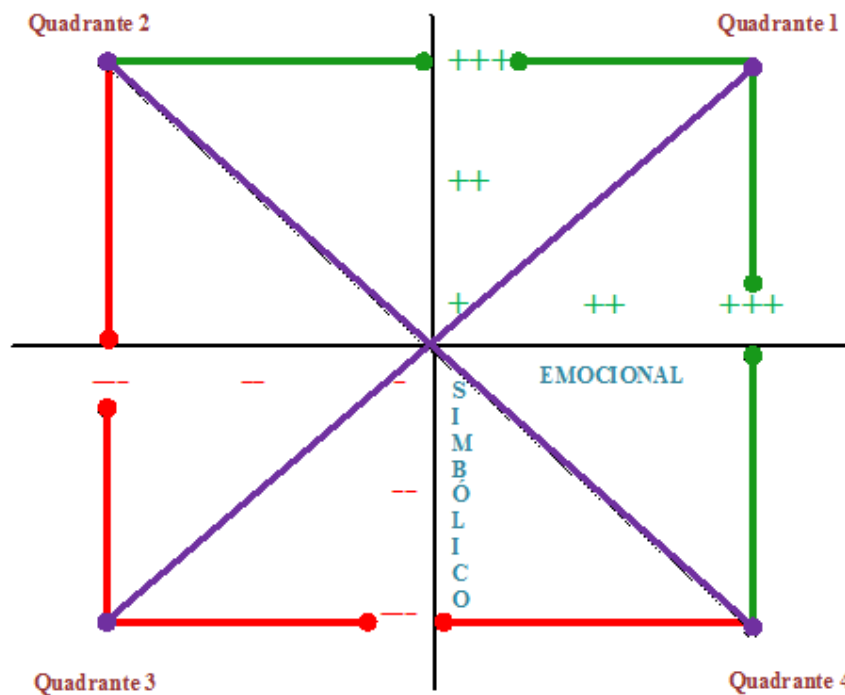
Figura 3. Etapa 03 da Grafia visual sobre a empatia no caso analisado



Fonte: Sampaio e Cardoso (2022).

O que se observa no gráfico da figura 3 é que a linha que se forma é consideravelmente extensa e denota tensão entre os dados sensíveis apresentados pela obra e a configuração subjetiva da pessoa leitora sobre o tema em análise. As tensões poderiam ser consideradas mais intensas na medida da ampliação do tamanho da linha. E em tensão limítrofe se a linha cruzasse por quadrantes opostos na diagonal (1 e 3 ou 2 e 4), tal qual representado na figura 4.

Figura 4. Grafia visual da tensão limítrofe dos quadrantes 1 e 3, 2 e 4 sobre a empatia no caso analisado



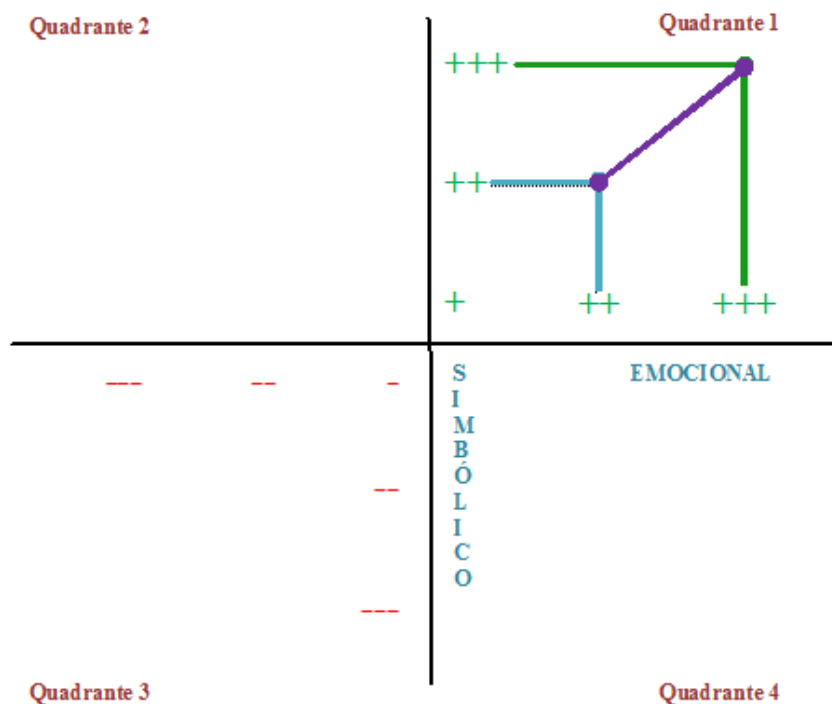
Fonte: Sampaio e Cardoso (2022).

Os meios de composição da etapa 02 dessa grafia visual podem variar de acordo com os interesses das pessoas mediadoras e leitoras e dos contextos em que a análise se organiza.

Em termos de ensino de Literatura, digo, quando o objetivo da aprendizagem for além da apreciação estética, esse tipo de instrumentação para a análise nos permite mapear temas relevantes para formações em geral, seja quanto a temas universais e/ou formações específicas sobre e para contextos determinados das obras literárias.

Por exemplo, se tivéssemos uma segunda pessoa leitora hipotética (pessoa 2) para ilustrar nossa proposição, que tivesse inclinações a respeito da empatia identificadas de modo a produzir um gráfico coincidente com o de Bentinho, possivelmente estaríamos abordando o mesmo tema e a mesma obra desde uma perspectiva de menor tensão simbólica, se comparada à pessoa 1. Nesse caso, a coincidência e a discrepância das inclinações em relação à empatia e suas manifestações desde a personagem Bentinho comporiam a subjetividade social a partir das experiências vivenciadas e apresentadas pelas pessoas 1 e 2, as quais acarretaria um debate na aula de literatura sobre as múltiplas formas de analisar a empatia de Bentinho, tendo por base análises de leitores distintos a respeito de um mesmo tema e personagem. Assim, nesse caso específico, não se trata de inferir quem tem razão ao final das explanações, mas sim, desde as diferentes relações com a obra e com o tema, investigar a complexidade das ações humanas, em especial da sua dimensão simbólica.

Figura 5. Sugestão para a Etapa 02 - Grafia visual da empatia de uma pessoa leitora hipotética 1 comparada a pessoa leitora hipotética 2



Fonte: Sampaio e Cardoso (2022).

A proposta de organização gráfica dos estudos literários, assumindo a subjetividade como categoria de análise e de composição das intencionalidades pedagógicas, permite-nos considerar caminhos para o ensino de Literatura com fins da problematização da experiência humana, “do” e “no” mundo e ampliação das nossas possibilidades de ação, reflexão e tomada de consciência sobre temas e contextos específicos. Uma vez que, a leitura literária “é a apreensão de um desempenho ausente-presente; uma tomada da linguagem falando-se (e não apenas se liberando sob a forma de traços negros no papel). [...] Ora, a informação assim transmitida pelo texto produz-se em um campo dêitico particular” (Zumthor, 2000, p. 56).

Nessa perspectiva e para finalizar nossa ilustração, imaginemos agora uma turma composta por quarenta (40) estudantes que antes de entrarem em contato com a obra de Machado de Assis, cada um, fizesse seu gráfico sobre a empatia em um material transparente, o qual permita a sobreposição das imagens. Posteriormente, as imagens coincidentes ou que, como já apontamos, demonstram pequena divergência, isto é, baixa tensão entre si em relação ao tema são agrupadas. Deste modo, ao sobrepormos os gráficos será possível identificar os grupos de pessoas/discentes que experimentam o tema de modo mais ou menos similar e organizá-los como uma célula para o debate coletivo.

Então, após a divisão dos grupos, lemos a obra, buscamos analisar a dimensão da empatia nas ações de Bentinho e coletivamente construímos a partir da obra o gráfico de Bentinho sobre a empatia. Nesse caso específico, a análise literária já terá iniciado e exigirá estudo para que não se tratem de opiniões, mas sim de dados disponíveis na obra, convertidos em imagens gráficas. A função do(a) docente nesta etapa é de fundamental importância para que os(as) estudantes tenham suporte na ação proposta e a fim de que ela assuma a dimensão pedagógica que supomos necessário no contexto do desenvolvimento da habilidade EM13LP46 da BNCC (2018).

Os critérios que compuseram os eixos emocional e social que constituíram os gráficos dos(as) estudante devem ser os mesmos para a construção do gráfico de Bentinho. Para esse propósito, observemos que aqui existe outra importante dimensão da intencionalidade pedagógica em que a pessoa docente já sabe os aspectos que analisará com a turma e conseqüentemente antecipa os dados da primeira composição do gráfico, feitos todos, justapomos à imagem referente a Bentinho aos agrupamentos realizados na etapa anterior. Essa fase nos permite conversar sobre

proximidades e distanciamento das experiências dos grupos específicos sobre o tema e, também, ampliar o debate para seu aspecto mais coletivo, considerando todas as perspectivas emergidas nas etapas anteriores.

Essa sequência de atividades permitirá a cada estudante confrontar seus posicionamentos com os das diferentes coletividades que se formaram e da turma na totalidade. Desta maneira, o(a) professor(a) poderá demonstrar para cada estudante a complexidade da experiência humana e convidá-los(as) a tomarem consciência da diversidade de posicionamentos possíveis sobre o assunto abordado. Paralelamente, os gráficos elaborados criam condições efetivas de articulação de si com a obra no processo de análise literária e constroem coletivamente, mas para a experiência pessoal, é necessário chaves de acesso para leitura e fruição da obra em questão. Uma mesma obra pode nos presentear com muitos temas para essas dinâmicas, além de, por exemplo, nos permitir ampliar a complexidade da análise, quando for o caso, confrontando posicionamentos de diferentes personagens sobre um tema. A exemplo, poderíamos traçar também o gráfico de Capitu sobre a empatia.

Considerações Finais

Em suma, por meio das ilustrações apresentadas, buscamos apresentar uma ferramenta topográfica que possa ampliar os meios de análise de obras literárias em contextos de sala de aula de Literatura, tendo em vista que essa é uma ferramenta possível e não a melhor ou mais inovadora para a área. Deste modo, esperamos que nossas proposições convidem e instiguem outros(as) docentes a criarem seus modos, meios e instrumentos, sem, é claro, esquecermo-nos que ao fim e ao cabo o que verdadeiramente importa são os modos de habitar este mundo para que os(as) estudantes se tornem cada vez mais cooperativos(as), democráticos(as) e socialmente responsáveis.

Talvez neste ponto a pessoa leitora esteja se perguntando porque não nos atemos em testar e aprofundar este instrumento de análise. A resposta é simples, nossa abordagem cartográfica nos impulsiona a transitar por diferentes aspectos do tema para termos uma compreensão mais ampla das possibilidades e problemáticas diretamente relacionadas ao nosso tema, sendo que, parte da necessidade do esquema de análise e da ilustração surgiu, inclusive, em decorrência da nossa tomada de consciência em decorrência da pesquisa, isto é, do distanciamento de estudantes da EJA em relação à leitura literária. Em todo o caso, o que gostaríamos de lembrar a respeito do método utilizado nessa pesquisa, é que o método cartográfico nos conduziu a produzir um resultado propositivo para o ensino de Literatura. Sem, como é da natureza desse tipo de metodologia, a necessidade de elaborar qualquer análise ou síntese que o articule.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1^o ed. São Paulo: Germape, 2004.
- BARTHES, Roland. **O grão da voz**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 526 p.
- BLOOM, Harold. **Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura**. Tradução de José Roberto O'Shea; revisão de Marta M. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis O enigma do olhar**. 1. ed. Editora Ática. São Paulo. 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, DF, MEC/SEF, 1997. BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CARDOSO, Renata Rocha; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. A subjetividade como categoria de leitura/análise de obras literárias. *In*: LIMA, José Willen Brasil; PINHEIRO, Moisaníel Oliveira; RIBEIRO, Floriete Assunção. **Porto Nacional das letras: produções interdisciplinares em linguística e literatura**. Itapiranga: Schreiben, 2022. 128 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Revista Diversitas-Perspectivas en Psicología.** Bogotá, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67940201>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e saúde:** a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MARTIZES, Albertina Mitjás; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CARVALHO, Marisa Irene Siqueira. **Ensino e aprendizagem:** a subjetividade em foco. Brasília: Líder Livros, 2012a, v. 1, p. 21-41.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade:** os processos de construção da informação [tradução Marcel Arisitides Ferrada Silva]. São Paulo: Cengage Learning, 2017. 6. reimpr. da 1. ed. de 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando. A epistemologia qualitativa vinte anos depois. MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando González; PUENTES, Roberto Valdéz. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade:** discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019, v. 7. p. 21-46.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando Luiz González. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

MARTINEZ, A. M.; REY, F. G.; PUENTES, R.V. (orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade [recurso eletrônico]:** discussões sobre educação e saúde. EDUFU, 2019.

MITJÁS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen V. R.; PUENTES, Roberto Valdéz. **Teoria da Subjetividade:** discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1. ed. Campinas, SP: Alínea, 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016. 310 p. (v. 2)

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional,** São Paulo, v. 17, n. 2, p. 289-298, jul./dez. 2013.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; GONÇALVES, Amanda Diniz. Experiência Corporal Estética: a emergência de novas ações simbólicas no trabalho do ator. **Revista Moringa - Artes do Espetáculo,** João Pessoa, UFPB, v. 8 n. 2, p.109-124, jul./dez. 2017.

SILVA, Marcelo Alves; SOUZA, José Antonio de. A Leitura Literária: Especificidades e Contribuições para a Humanização do Aluno/Leitor. **Interfaces da Educação,** Parnaíba, v. 3, n. 8, p. 35-47, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Resistência:** culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Elias Caires; TORRES, José Fernando P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. Obutchénie: **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica,** Uberlândia, MG, v. 3, n. 1, p. 34-57, jan./abr. 2019.

Recebido em 23 de janeiro de 2023.

Aceito em 30 de junho de 2023.